



Transformando vidas. Matheus e Luan (nas pontas) participam do projeto comandado pelo músico Artur Junior na comunidade Mata Machado, com aulas de Cinema ministradas por Djuly Cerri

DIEGO AMORIM
diego.amorim@infoglobo.com.br

REAGE RIO!

EDUCAÇÃO, CULTURA E ARTE PARA DIZER ‘A FAVELA VENCEU’

A vida do músico Artur Junior, de 38 anos, não seria a mesma se não fossem os projetos sociais pelos quais passou na adolescência. Cria da comunidade Mata Machado, no Alto da Boa Vista, Zona Norte do Rio, ele hoje tem a oportunidade de fazer pelo próximo o que, um dia, fizeram por ele. Apostando na arte, cultura e educação para mudar vidas, Artur é presidente do Centro Social Comunitário Favela em Desenvolvimento. O projeto surgiu na região em 2017 e, nos últimos quatro anos de atuação, visa movimentar culturalmente a região, carente de projetos.

O primeiro passo foi a criação de uma biblioteca comunitária, no mesmo ano da

fundação. De lá para cá, oficinas culturais e profissionalizantes, ações beneficentes, contação de histórias, saraus, batalha de rimas e sessões de cinema ajudaram a transformar muitas vidas.

— A nossa intenção é formar cidadãos, formar opiniões. E, para isso, a educação é o pilar principal. Me preocupava ver uma comunidade

tão grande, com a juventude se perdendo, e muitas pessoas sem a atitude de se colocar à disposição dos que mais precisam — diz Artur.

No ano passado, a chegada da pandemia agravou a situação de vulnerabilidade social. Com isso, a mobilização do grupo passou a ser integralmente para diminuir o impacto da fome e arrecadar ali-

mentos, kits de higiene e máscaras. Foram cerca de 500 cestas básicas desde então.

— Nosso trabalho é 100% voluntário, focado nos moradores da nossa comunidade. Não adianta só desejar o bem para o próximo sem agir para que isso aconteça — explica o músico.

E foi pensando na capacidade de transformação que a

atriz e estudante de Cinema Djuly Cerri, de 22 anos, tornou-se parte do projeto. Em maio, ela se inscreveu como voluntária na primeira sessão de cinema da comunidade. A ação foi o pontapé para o curso de audiovisual:

— É gratificante demais ver o crescimento pessoal e profissional de cada um deles, com pesquisa, roteiro e captação de imagens. Alguns saem da oficina querendo aprender mais, trabalhar na área. São adolescentes que, sem esse curso, não teriam a possibilidade de encontrar um caminho profissional e de se apaixonar pela sétima arte.

Além das oficinas de cinema, são oferecidos cursos de desenho, percussão e moda. Em junho, foi lançado um projeto de educação popular com aulas de reforço escolar, pré-vestibular e pré-Encceja (exame para certificação de com-

petências de jovens e adultos).

— A solidariedade salva vidas, e a educação tem um poder de transformação social incrível. A luta para melhorar a vida dos moradores continua — afirma o fundador e coordenador do grupo, Rennan Leta, de 26 anos.

Agora, o grupo busca recursos para expandir as ações com a horta pedagógica comunitária, o centro de tecnologia e a prática de esportes.

Segundo Rennan, é preciso destacar a importância histórica e turística do Alto da Boa Vista, região com muitas paisagens naturais:

— Queremos criar um catálogo de turismo com restaurantes, pousadas, áreas para lazer, trilhas e lugares históricos.

As reportagens sob o selo “Reage, Rio!” têm apoio institucional de Rio de Mãos Dadas, uma iniciativa da Fecomércio RJ.

Mundo de cores se abre para um jovem do Chapadão

Pintor descoberto na internet já teve obras na ArtRio e agora abre sua primeira exposição individual, com todas as telas vendidas

GERALDO RIBEIRO
geraldo.ribeiro@extra.inf.br

Johnny Alexandre Gomes, o Jota, de 20 anos, morador do Complexo do Chapadão, na Zona Norte do Rio, descobriu que tinha habilidade com desenho ainda criança. Mas, o máximo que acreditava que o seu talento com os traços poderia proporcionar era um trabalho como tatuador. Enquanto isso, batia ponto na construção civil virando massa e pintando paredes como ajudante de pedreiro de um tio. Seu destino começou a mudar quando, incentivado por um colega de escola, começou a pintar quadros e a exibí-los numa rede social.

Acabou descoberto na internet por uma plataforma que aposta em novos valores, a MT Projetos de Arte. Pouco mais de um ano depois, o jovem já se mantém com sua arte e inaugura neste fim de semana sua primeira exposição individual.

— Esse amigo foi a primeira pessoa a apostar no meu talento. Não só me incentivou a pintar como comprou meus dois primeiros quadros. Eu mesmo não acreditava muito. Mas ele achava que um dia eu ia ficar famoso — brincou o jovem.

Se a premonição do amigo ainda não se concretizou, está bem perto disso. Ainda no ano passado, pouco tempo após ter trocado a pá e o cimento pelas tintas e pin-

céis, o rapaz simples de comunidade já estava participando de um dos mais importantes eventos de arte do país, a ArtRio, quando dividiu o estande com artistas do porte de Anna Bella Geiger. Seus três quadros expostos foram vendidos no primeiro dia. Um foi comprado pela criadora da feira de arte, Brenda Valansi, e os outros dois foram para o acervo de colecionadores.

Sua primeira exposição individual tem a curadoria de Pablo León de La Barra, curador para a América Latina do Museu Guggenheim. A mostra “Eu vim de lá” que segue em cartaz até 3 de outubro no MT Atelier, na Lapa, foi aberta ontem, com todas as 25 telas vendidas previamente.

RETRATO DA VIDA NA FAVELA

O título da mostra é não só uma referência às raízes do jovem artista como demonstra sua principal fonte de inspiração. Das cores de suas telas, brotam imagens dos bailes funk, das meninas na laje se bronzeando com fitas adesivas coladas no corpo, crianças soltando pipa e o passeio na praia, num retrato típico do cotidiano dos jovens das comunidades.

Jota foi descoberto pelo mundo das artes de maneira rápida. E sua obra, vendida inicialmente por alguns trocados, segue se valorizando. O rapaz conta que começou a pintar os primeiros quadros

no começo da pandemia, por puro hobby, utilizando materiais que tinha em mãos: tinta acrílica e lápis de cor. Na falta de telas, recorria a pedaços de compensado ou de papelão.

— Era o que tinha em mãos ou que o dinheiro dava para comprar. Não pintava com intenção de ganhar nada. Era hobby. Ia jogando no Instagram, e um dia um colecionador me procurou querendo comprar todas as minhas telas. Fiquei felizão — disse o rapaz, que vendeu dez telas, segundo ele, bem baratinho.

O que o jovem pintor não sabia era que o comprador integrava um grupo de colecionadores, do qual também participava Margareth Telles, a criadora da MT Projetos de Arte, que apoia novos talentos de fora do circuito tradicional de artes e, principalmente, das periferias. Ao perceber que o rapaz tinha potencial, ela o incentivou a abandonar a obra para viver apenas da pintura, contribuindo com ajuda de custo, além de investir em material de qualidade, que incluía telas, pincéis e tinta importada.

— Vi potencial no traço dele, mesmo sendo uma coisa muito primitiva. Vi ali um traço e uma identidade única e que ele tinha personalidade artística — disse Margareth Telles.

A incentivadora de novos artistas — descobridora, entre outros, de Marcela Cantuária, que ganhou notoriedade por



Inspiração. Jota e sua obra: ele leva a favela para as telas com seu traço único

ter sido a responsável pela concepção visual do novo disco da cantora Marisa Monte, “Portas” — é uma ex-instrumentadora cirúrgica nascida em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, que até os 30 anos nunca tinha entrado num museu. Apaixonada pelas artes plásticas, Margareth virou colecionadora e uma espécie de mecenas, que clas-

sifica o trabalho do seu grupo como “coleccionismo ativista”.

— Acreditamos ter essa responsabilidade social. Sempre fiz esse movimento de ajudar artistas iniciantes e, coincidência ou não, todos foram para as grandes galerias, como a Marcela Cantuária, que está na Gentil Carioca (na Praça Tiradentes), e Mulambô (cuja primeira

individual foi no Museu de Arte do Rio). Nessa busca, não faço distinção de artista ou classe social.

A mãe de Jota, a aposentada Marilena Alexandre da Silva, de 57 anos, que até o começo da pandemia trabalhava como artesã numa fábrica de bolsas, vê Margareth como um “anjo da guarda” na vida do filho mais novo. Mãe de um outro rapaz, Jonathan, de 25, que está desempregado, criou os meninos sozinha, após o pai deles tê-la abandonado quando os dois ainda eram criança.

— Sempre acreditei no talento dele. Queria investir nele, mas não tinha condições. Era eu sozinha para cuidar de duas crianças. Quando minha mãe era viva, me ajudava — disse.

O jovem, que concluiu o ensino médio no ano passado, queria ser modelo.

— Pediram book, e a gente não tinha como pagar — lamentou a mãe.

Os perrengues de uma vida humilde fizeram Jota, na infância, mandar carta para um programa de TV, pedindo ajuda. Seu pedido: uma casa com banheiro. O desejo só foi realizado quando tinha 11 anos, e a mãe dele conseguiu comprar a casa onde moram atualmente no Chapadão.

O menino de infância difícil já vê seu talento atravessar fronteiras. Ele concorre a um prêmio concedido por uma importante instituição holandesa, que vai contemplar cem artistas ao redor do mundo com uma bolsa em dinheiro. Os vencedores terão de investir os recursos em projetos no próprio local onde vivem.